

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

CURSO DE LETRAS

MARIA JERONIMO DA SILVA

**UMA LEITURA DE CONTOS SELECIONADOS DE *A MORTE DE D.J. EM PARIS*
DE ROBERTO DRUMMOND**

JARDIM

2016

MARIA JERONIMO DA SILVA

**UMA LEITURA DE CONTOS SELECIONADOS DE *A MORTE DE D.J. EM PARIS*
DE ROBERTO DRUMMOND**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras à banca examinadora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Jardim, sob a orientação do Prof^º. Dr^ª. Susylene Dias de Araújo.

JARDIM

2016

MARIA JERONIMO DA SILVA

**UMA LEITURA DE CONTOS SELECIONADOS DE A MORTE DE D.J. EM PARIS
DE ROBERTO DRUMMOND**

APROVADO EM: ____/____/____

Prof^ª. Dr^ª. Susylene Dias de Araújo - UEMS
Orientadora

Prof. Dr. Marcos Vinícius Teixeira
1º examinador

Prof^ª Me. Thaize Soares Oliveira
2º examinador

JERONIMO, Maria da Silva

Uma Leitura de contos selecionados de *A Morte de D.J. em Paris* de Roberto Drummond, /Maria Jerônimo da Silva. Jardim: UEMS, 2016.

Bibliografia

Monografia de Graduação- Curso de Letras Habilitação Português-Inglês –
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1.Contos 2. Ficção 3. Tradição 4. Morte 5. Vida

“Não há saber mais ou saber menos: Há saberes
diferentes”.

(Paulo Freire, 1987)

Dedico este trabalho incondicionalmente aos meus filhos, Luis Roberto, Beatriz e Carlos, por serem a razão dessa conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante a caminhada do curso de graduação.

Aos meus pais, meus irmãos, meu esposo Gustavo, meus filhos Luís Roberto e Carlos; minha filha Beatriz e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse ao final desta etapa da minha vida.

Aos professores do curso de graduação em Letras da UEMS em Jardim: pessoas que durante 4 anos da graduação me acompanharam compartilhando seus conhecimentos.

Aos meus colegas de sala: turma muito especial. Serão eternos em minha memória.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a. Dr^a Susylene Dias de Araujo, pela paciência na orientação e incentivo, fatores que tornaram possível a conclusão deste trabalho. Faltam-me adjetivos para definir a gratidão que sinto por se mostrar mais que uma professora de conhecimentos, mas também de valores. Sinto-me agraciada por, em meu caminho, conhecer esta pessoa especial.

RESUMO

Neste trabalho, *A morte de D. J. em Paris* (1975), livro de estreia do escritor Roberto Drummond foi escolhido como objeto de estudo da contista. Para isso, destacamos algumas concepções sobre a teoria do conto e alguns aspectos do conto no Brasil, além da tradição moderna do gênero. Assim, buscamos mostrar a influência do conto moderno na confecção das obras de Roberto Drummond, uma vez que o autor constrói seus personagens pelas marcas registradas que codificam o mundo com fatos que ocorreram nos período da ditadura militar nos anos de 1960. Os contos selecionados foram: “Dóia na janela”, “Os objetos pertencentes a Fernando B, misteriosamente desaparecido”, “Os sete palmos do paraíso” e “A morte de D.J. em Paris” e neles identificamos a utilização diferenciada de fatos, roupas e repressão militar. Desse modo, Roberto Drummond representa o cotidiano a fantasia e a ficção, passando, também, pelo absurdo na construção de uma perspectiva crítica instalada entre o texto literário e a realidade.

Palavras-chave: Contos Brasileiros; Roberto Drummond; A Morte de D.J. em Paris.

ABSTRACT

In this work, the death of J. D. in Paris (1975), writer of their debut book Roberto Drummond was chosen as the storyteller object of study. We highlight some conceptions about the tale of theory and some aspects of the story in Brazil, in addition to the modern of the genre tradition. Thus, we seek to show the influence of the modern short story in the making of the works of Roberto Drummond, since the author builds his characters by trademarks that encode the world with events that occurred in the period of the military dictatorship in the 1960s. Selected stories were "Dôia na janela," Os objetos pertencentes a Fernando B, misteriosamente desaparecido", "Os sete palmos do paraíso" e " A morte de D.J. em Paris" and them identify the differentiated use of facts, clothing and military repression. This manner, Roberto Drummond represents the everyday fantasy and fiction, passing also by absurd in building a critical perspective installed between the literary text and reality.

Keywords: Brazilian Tales; Roberto Drummond; The D.J. Death in Paris.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I	
1. A TEORIA DO CONTO E ALGUNS ASPECTOS DA TRADIÇÃO DO GÊNERO.....	13
CAPÍTULO II	
2. O CONTO NO BRASIL E A TRADIÇÃO DO GÊNERO.	17
2.1 Biografia de Roberto Drummond.	19
2.2 Algumas características da obra de Roberto Drummond.....	20
CAPÍTULO III	
3. Contos selecionados.	21
3.1 Dôia na janela.	21
3.2 Objetos pertencentes a Fernando B, misteriosamente.	23
3.3 Os sete palmos de paraíso.	24
3.4 A morte de D. J. em Paris.	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	30
REFERÊNCIAS.	32

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é a elaboração de um estudo acerca da teoria do conto e seus aspectos na literatura, sua tradição no Brasil e seus traços modernos nos contos do escritor brasileiro Roberto Drummond. Através desse estudo, será analisada a relação do conto contemporâneo com o cotidiano das pessoas e sua interferência na literatura e na sociedade.

O trabalho está estruturado em três capítulos: O capítulo I busca apresentar algumas concepções sobre a teoria do conto e nessa parte do estudo destacaremos alguns teóricos, como Júlio Cortázar e outros de seus seguidores dessa abordagem dos estudos literários. Nesse percurso, iremos analisar a diferença existente entre os estudos literários sobre o conto, pois os teóricos estudados não representam a mesma definição, mas, estão interligados.

No capítulo II o objetivo é apresentar os estudos em torno do conto contemporâneo brasileiro e a valorização do gênero, que ocorreu durante movimento modernista, quando o gênero narrativo foi explorado pelos autores brasileiros que narraram sua trajetória em narrativas que exploraram o inconsciente humano.

A partir dessa apresentação, faremos uma explanação sobre a vida e a obra do escritor brasileiro Roberto Drummond. Nossa escolha por ele justifica-se por considerarmos suas obras como modelos que em sua maioria, exploram questões e problemas sociais, revelados por sua própria vivência.

No capítulo III, o objeto de nossa análise será o livro de contos *A morte de D. J. em Paris*. Buscando entender o que caracterizaria, inicialmente, para Roberto Drummond, a sua literatura popular, elegeremos quatro contos do livro. Assim, “Dôia na janela”, “Objetos pertencentes a Fernando B, misteriosamente desaparecido”, “Os sete palmos do paraíso” e “A morte de D. J. em Paris” foram escolhidos por serem os mais representativos, ou seja, por serem aqueles em que há mais indícios de proximidade com a produção literária moderna e contemporânea. Nessas narrativas buscaremos temas e procedimentos característicos do homem moderno em seu cotidiano, além de apresentarmos aspectos singulares da literatura inovadora de Roberto Drummond. Por uma questão operacional pertinente à produção deste trabalho, as informações sobre o autor foram colhidas basicamente em sites da internet, pois por ser um escritor pouco conhecido, seus registros biográficos estão dispersos.

Nas considerações finais percebe-se que a partir das análises dos quatro contos escolhidos do livro *A morte de D. J. em Paris*, que Roberto Drummond trabalha narrativas curtas envoltas em uma realidade fantasiosa, ironia ambígua, de maneira inovadora o escritor

criar um fazer literário que deixa transparecer a violência de sua época ou da cultura de popular, impostas à sociedade brasileira.

CAPÍTULO 1

A TEORIA DO CONTO E ALGUNS ASPECTOS DA TRADIÇÃO DO GÊNERO

Nesse capítulo abordamos algumas concepções sobre a teoria do conto, e destacamos alguns teóricos que, a partir de Júlio Cortázar em *Valise de Cronópio* (2008) puderam destacar alguns aspectos do Conto. Destaca-se nesse percurso os estudos de Nádya Gotlib (1988), Viviana Bosi, Campos, Hossne e Rabello (1998).

Júlio Cortázar (2008), discute alguns aspectos do conto em *Valise de Cronópio*, e nos remete a estudar as formas históricas do gênero a partir das considerações de Allan Poe e Anton Tchekhov, esclarecendo a seus leitores que seria viável julgar seus contos e sim senti-los através das narrativas e que chocam e até mesmo surpreendem o leitor. Cortázar utiliza em seu estudo três acepções do conto um relato de um acontecimento; Narração oral ou escrita de um acontecimento falso e a fábula que se conta às crianças para diverti-las. Todas apresentam um ponto em comum que são a maneira de se contar alguma coisa e, enquanto tal, baseiam na significação, intensidade e na tensão, um estilo no qual os elementos formais de expressão se constroem como forma visual e auditiva mais atraente e original, que aproxima o conto dos romances populares.

Ou seja, para melhor compreensão do conto precisamos observar sua significação, sua intensidade e tensão. Dentro do ponto de vista de Cortázar entende-se que, “para entender o seu caráter peculiar, costuma-se comparar o conto com romance, gênero muito mais popular, sobre o qual abundam as preceptísticas” (Cortázar 2008, pg.151). Pois o romance se estende em grandes momentos que fluem moralmente, seguidos por outra distensão do cotidiano, o mesmo tempo que o conto procura impactar o leitor em uma leitura mais breve com um fôlego só. Cortázar comenta que:

O excepcional reside numa qualidade parecida à do ímã; um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que lhe flutuavam virtualmente na memória e na sensibilidade; um bom tema é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até que o contista, astrônomo de palavras, nos revela sua existência (Cortázar 2008, p. 154).

Nesse trecho podemos perceber que. para fisgar o leitor é preciso que o conto tenha aquele mistério que desperte o interesse pela leitura. No entanto, Júlio Cortázar considera o

conto como um gênero de difícil definição, e que existe um mistério secreto entre a definição do conto, diz também que há poucos contos verdadeiramente grandes, dando uma suposta ideia de que contos devem ser curtos, mas que não se descarta a possibilidade de haver contos longos.

Desse modo, percebemos que para Cortázar é preciso encontrar uma ideia de definição do que é um conto e isso se torna difícil na medida em que as ideias têm tendência para a abstração do conteúdo e também podemos perceber que para escrever ou criar um conto o autor deve possuir muito domínio sobre os materiais narrativos, de maneira que desperte o interesse do leitor desde a escolha do título da sua obra.

Nesse sentido, o autor passa a dar corpo para sua composição literária, ou seja, escreve o conto com objetivo de causar um efeito de excitação ou de exaltação em seu leitor, de maneira que, se o conto for muito longo perde um pouco esse feito, mas também não pode ser muito curto, precisa que essa proposta venha de encontro com as necessidades que o leitor tem para compreender o conto e ainda conseguir apreciar uma boa leitura com a falta de tempo. Sendo assim entende-se que o conto precisa ser excitante que possa ser lido de uma vez para se obter o efeito e ser compreendido.

Dessa forma, Cortázar consegue definir de maneira sucinta o conceito de conto e afirma que “Um conto é uma verdadeira máquina literária de criar interesse”,(Cortázar, 2008, p. 122). Assim, além de suas teorias sobre o conto, Cortázar busca elementos de outros escritores como Allan Poe para identificar as ferramentas utilizadas na composição e comenta:

Que a eficácia de um conto depende de sua intensidade como acontecimento puro, isto é, que todo comentário ao acontecimento em si (e que em forma de descrição preparatórias, diálogos marginais, considerações a posteriori alimentam o corpo de um romance e de um conto ruim) deve ser radicalmente suprimido. Cada palavra deve confluir para o acontecimento, para a coisa que ocorre e esta coisa que ocorre deve ser só acontecimento e não alegoria (...) ou pretexto para generalizações psicológicas, éticas ou didáticas, (Apude Cortázar 2008, p. 122).

A partir do pensamento de Allan Poe em Cortázar pode-se entender que o conto tem em seus textos muita complexidade. O que torna o conto um texto rico em detalhes na sua criação é o sentimento da verdade ou fantasia, já que o trabalho do contista não se resume somente em contar uma história ou fatos do cotidiano, mas sim contextualizar de maneira a não perder a essência da história em escrever o conto.

Segundo Allan Poe, (Apud Gotlib, 1985, p.38) a construção de escrita já tem um efeito predeterminado, no qual o conto e o poema possuem uma racionalidade e existe aí uma ideia de projeto com intenção e precisão lógica, ou seja, exata, sem variantes. Pensando dessa forma os contos seriam de certa maneira muito chatos, ou sem o brilho do fantasioso e as anomalias do cotidiano e não despertariam nenhum interesse no leitor.

Com base nos estudos sobre o conto Gotlib, descreve o olhar crítico de Anton Tchekhov, o qual alerta contra o perigo da narrativa longa demais e o período entre a narrativa muito curta, pressionado pelos critérios de avaliação em escrever bem e de outro lado pela sobrevivência, ganhar dinheiro com a escrita. Gotlib também trata sobre as forma distintas dos escritores Cortázar e Allan Poe.

O que define se um conto será bom ou ruim não são os elementos isolados e sim o procedimento do autor. Segundo Cortázar, esses elementos são construídos para que o conto se torne significativo e comenta, “um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta” Cortázar (2008, pg. 153)

De acordo com Nádía Gotlib (1985) a história da estória do conto ou teoria do conto é um assunto que envolve muita discussão, dúvidas que nos remetem aos gêneros literários desde a Idade Média. Nesse processo de retroceder a estória na literatura, Gotlib faz referências às primeiras manifestações das sociedades primitivas, as quais eram feitas pela oralidade e depois ganharam a forma de registros escritos com a comercialização em revistas e jornais. Essas formas não definem a origem do conto, sabendo que as estórias aconteciam através da oralidade de uma maneira pouco cronológica dos fatos no decorrer dos séculos. Essas narrativas, sempre contadas de modo diferente, com adequações linguísticas e regionalismo, instigam o saber desde que o ser humano se organiza com a prática de contar estórias.

Segundo Gotlib, é possível definir uma mesma distância entre outros autores, contistas e menciona Horácio Quiroga que foi um escritor uruguaio famoso por seus contos, que geralmente tratavam de eventos fantásticos e macabros na linha de Edgar Allan Poe e de temas relacionados à selva, sobretudo da região de Misiones, na Argentina, onde Quiroga passou parte da vida. A partir do pensamento de Gotlib, pode-se entender que existe uma preocupação com a estética e a perfeição enquanto gênero literário, mas apesar disso, o conto não se prende apenas ao ato de contar ou narrar coisas verdadeiramente acontecidas. A realidade e ficção não têm uma linha de limites ou divisores na construção do conto, sendo assim o relato copia-se, inventa-se e como no romance.

Estes recursos criativos também podem ser utilizados na passagem do conto oral para o escrito, ou seja, no registro dos contos orais: qualquer mudança que ocorra, pode interferir no conjunto da narrativa. As maneiras diversas de contar e narrar formam grupos com pontos característicos que limitam o gênero.

Nesse contexto de (Viviane Bossi e outros 1998), nos remete aos estudos de Júlio Cortázar aponta alguns problemas referente às mudanças sofrida pelo conto quanto sua organização do gênero, através do livro *Ficções: Leitores e Leituras* os autores apresentam desde o princípio das teoria dos contos, no quais são abordados entre outros fundamentos sobre o conto, uma forma dramática do conto e dos romances juntando a prosa de ficção.

[..]De qualquer modo, mesmo que as circunstancia exteriores favorecessem a prosa em detrimento da poesia e a brevidade em detrimento da extensão, não se encontram principalmente aí as razões maiores de Poe, mas no âmbito das questões de composição literária.

Retornando ao ensaio de Cortázar, vê-se nele também a preocupação em apontar para o problema das alterações sofridas pelo conto, desde sua invenção pelo escritor norte-americano. Procurando descrever a organização formal do gênero, o ensaísta lança mão das noções de “significação”, “Intensidade” e “tensão”, mostrando que a intensidade consiste na “eliminação de todas as ideias ou situações intermediarias...que o romance permite e mesmo exige”; e que a tensão seria “uma intensidade de outra ordem”. Enquanto nos contos baseados na intensidade “os fatos, despojados de toda preocupação, saltam sobre nós e nos agarram”, naqueles que se sustentam na tensão, só muito lentamente nos aproximamos do que está sendo narrado:[...] Se os grandes exemplos de contos do primeiro tipo vem de Poe, os do segundo virão de Tchekhov, Katherine Mansfield, Kafka, Henry James. [..]

È, de fato, ao localizar suas personagens e temas significativos nas situações mais cotidianas e mediocres; ao concluir em que aparentemente nada acontece, Tchekhov se constitui numa espécie de antípoda de Poe, apesar de, do ponto de vista técnico, cultivar também a concisão, o que entretanto parece servir a propósito e visões de mundo muito diferentes. [..]

Entretanto, Tchekhov parece constituir um ponto de virada na trajetória histórica do gênero, pondo pelo avesso os procedimentos fixados por Poe como marca de sua contística e como padrão vigente no século. O que torna particularmente relevante uma análise contrastiva de suas narrativas é a suposição de que isso permita entender melhor alguns dos “múltiplos e antagônicos aspectos” do conto; e de que seja possível apontar ambos os contistas como marcos exemplares na trajetória histórica da forma no século XIX, com as consequências que teve para sua continuidade no século XX. (Viviane Bossi e outros, 1998, p. 94,-5-6)

Diante disso, pode-se entender que os contistas estudos neste trabalho, mesmo em circunstâncias diferentes tratam sobre a teoria do conto de forma que possamos aprofundar nos estudos com textos literários e diversas opiniões, sem que possa definir uma opinião sobre a trajetória e origem do conto.

CAPÍTULO II

O CONTO NO BRASIL E A TRADIÇÃO DO GÊNERO

Neste capítulo vamos discutir sobre o conto no Brasil e a tradição moderna do gênero, tendo como base os teóricos já citados no capítulo anterior e mencionando Alfredo Bosi em sua obra sobre *O conto brasileiro contemporâneo* para que possamos apresentar a biografia de Roberto Drummond, contista que leva o leitor a participar de narrativas a partir da visão do homem contemporâneo com inovações estilísticas e paradoxos.

O conto é um dos tipos de textos mais antigos e versáteis da Literatura. Conforme mencionamos no capítulo anterior, há um apanhado sobre suas possibilidades destacando o conto de fadas, o conto maravilhoso, o conto fantástico, etc.

Conforme, Tânia Yumi Tokairi, em seu artigo sobre “O conto moderno na visão de Fábio Lucas”, alguns aspectos sobre o conto brasileiro devem ser pontuados, pois acontecimentos como o movimento modernista fizeram com que os autores valorizassem o gênero, optando por temáticas que incluem a trajetória do povo brasileiro.

Nesse contexto alguns fatos marcaram a história do conto no Brasil. Podemos observar que os contos passaram por mudanças, sendo possível perceber que, se antes eram extensos e com narrativas historicistas, com a mudança tornaram-se mais curtos com narrativas que fazem investigação dos fatos literários tornando-os mais atuais e modernos.

Diante disso, três escritores brasileiros apresentam-se com três obras diferentes, permitindo sua atualização histórica. Graciliano Ramos, que contribuiu para a modernização da ficção brasileira, Murilo Rubião e Guimarães Rosa contribuíram na exploração do inconsciente humano, manifestando por um realismo mágico, ontológico e existencial

Desse modo, o conto moderno brasileiro nos faz refletir através de narrativas que envolvem conflitos dramáticos e trágicos. Sobre esse aspecto e sobre as formas do conto moderno contemporâneo Alfredo Bosi afirma,

Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é o quase-documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem (BOSI, 1977, p. 7).

Nesse contexto, pode-se entender que o conto brasileiro defende a sua valorização como gênero literário eminentemente moderno, retratando no contexto a realidade de uma

sociedade, na qual se forma o gênero conto como característico de um povo. Assim, Bosi afirma:

(...) Esta é a literatura-verdade que nos convém desde os anos de 60, que responde “a tecnocracia, “a cultura para massa, “as guerras de Naplam, “as ditaduras feitas de cálculos de sangue. De outro lado a ficção introspectiva, cujos arrimos foram sempre a memória e a auto-analise, ainda resiste como pode “a anomia e ao embrutecimento, saltando para inversos místicos ou surreais, onde a palavra se debate e se dobra para resolver com suas próprias forças simbólicas os contrastes que a ameaçam. (Bosi 1977, p.21-2)

Com na base nas informações sobre o conto brasileiro moderno, apresentaremos a contribuição inovadora de Roberto Drummond, representada pelo clima urbano a sua literatura moderna através de narrativas que expressam suspense e ficção contextualizando a realidade da época.

2.1 Biografia de Roberto Drummond

Nascido em Minas Gerais, no município de Santana dos Ferros, 21 de dezembro de 1933 e falecido em 21 de junho de 2002 na cidade de Belo Horizonte, Roberto Francis Drummond, foi um jornalista e escritor brasileiro. Por sua vez, página online da “Netsaber” (site nas referências) nos revela que Roberto Drummond participou da chamada literatura pop, a qual era caracterizada pela ausência de cerimônias e pela proximidade com o cotidiano.

Nesse primeiro momento Roberto Drummond estreou com seu livro de contos *A Morte e D.J. em Paris*, escrito em 1971, em seguida, *O dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado*(1978), *Sangue de Coca-Cola*(1980), *Quando fui morto em Cuba*(1982), já na segunda fase literária passou a escrever textos mais complexos como *Hitler manda lembranças*(1984), *Ontem à noite era 6ª feira*(1988), *Hilda Furacão*(1991), *Inês é morta*(1993), *O homem que subornou a morte & Outras histórias*(1993), *Magalhães: navegando contra o vento*(1994), *O Cheiro de Deus*(2001), e ainda foram publicados após sua morte os livros *Dia de São Nunca à tarde*, *Os mortos não dançam valsa*, *O Estripador da Rua G*, *Uma Paixão em Preto e Branco*.

Ao longo da pesquisa pode-se perceber que Roberto Drummond era contrário à ditadura, e que sua profissão de jornalista nesse período da ditadura na década de 60 tornou-se cronista esportivo que era um campo menos perigoso para se trabalhar naquela época, sendo assim, o escritor tornou-se torcedor fanático de futebol do time “Clube Atlético Mineiro” e

criou para o clube a famosa frase: “Se houver uma camisa branca e preta pendurada num varal durante uma tempestade, o atleticano torce contra o vento.” (Roberto Drummond).

Ou seja, Roberto Drummond teve seu primeiro trabalho literário publicado em 1971, com *A morte de D. J. em Paris*, que teve recorde de venda na época ganhando o maior prêmio literário da época, Relançado em 1975 *A morte de D. J. em Paris*, bateu recordes de vendas novamente e recebeu o “Prêmio Jabuti” de autor revelação. Já o seu romance de maior sucesso foi *Hilda Furacão*, publicado em 1991, o qual foi adaptado em 1998 para a televisão como minissérie de sucesso da “Rede Globo” de televisão.

Além disso, Roberto Drummond foi homenageado pela torcida atleticana no dia 23 de junho de 2012, durante o jogo Atlético x Náutico, pelo Campeonato Brasileiro, no Estádio Independência. Aproximadamente 10 anos após a morte de Roberto Drummond, sua paixão pelo futebol e seu legado para a literatura nacional foram novamente destacados pelos relançamentos de alguns de seus livros em um documentário dirigido por Breno Milagres sobre a vida do escritor.

2.2 Algumas características da obra de Roberto Drummond

A vida de Roberto Drummond é marcada pela literatura e com narrativas desconexas e inconclusas, o autor rompe barreiras e faz de suas obras importantes peças a serem projetadas para o pós-modernismo na literatura brasileira.

De acordo com Oliveira (2008), a obra de Roberto Drummond é considerada uma “Literatura pop,” termo o qual teria sido criada por ele, objetivando definir sua escrita moderna. Assim, pode-se considerar o que Roberto Drummond era portador de um estilo literário próprio que explicitava a violência impostas à sociedade brasileira da segunda metade do século XX e o período da ditadura militar. Em relação ao gênero literário, pode se elencar algumas características próprias do autor, como a criação de personagens com identidade forte, fator considerado marca registrada de Roberto Drummond.

Roberto Drummond recria em suas narrativas desconexas uma atmosfera de repressão política e cultural, descrevendo de forma irônica o caos e a fragmentação de uma sociedade que pouco se deu conta daquilo que ocorria em seu meio. De tom declamatório, é visível a influência dos elementos da sociedade de consumo, com suas marcas, nomes de fantasias, referências a nomes de políticos ao lado de nomes fictícios, com personagens de personalidades do mundo real, interagindo com personagens ficcionais. Destacam-se as passagens em que o autor constrói a descrição das personagens através de cabelos, olhos,

boca, trajes, entre outros. Ao longo da leitura dos contos podemos perceber elementos da sociedade de consumo como pasta de dente, vestuário e outros resíduos de culpabilidade envolvendo até mesmo a religiosidade incitando o leitor a retomar referências, muitas vezes, perdidas ou esquecidas pelo tempo.

Considerando o estilo particular e característico de Roberto Drummond, os quatro contos selecionados para compor a presente pesquisa retratam questões complexas do cotidiano do homem contemporâneo, a religiosidade, o suspense, a fantasia e suas incertezas, temas que remetem o leitor a múltiplas possibilidades de interpretação.

CAPÍTULO III

A MORTE DE D. J EM PARIS: CONTOS SELECIONADOS

Para o presente trabalho, o livro *A morte de D. J. em Paris* (2002), escrito por Roberto Drummond, publicado pela Editora Objetiva, composto por dez contos com uma proposta inovadora constitui-se como nosso objeto de análise. Na obra, com linguagem direta que permite que o leitor se torne cúmplice de suas narrativas curtas, Drummond cria o homem contemporâneo e seu mundo fragmentado entre o real e o imaginário.

Podemos perceber que Roberto Drummond faz uso de muitas referências de diversos campos sociais, com uma percepção da realidade que nos é mostrada pela escolha que o escritor faz dos fatos noticiados no dia a dia. A partir dessas junções referenciais, Drummond obriga o leitor dialogar em seus textos, num processo intertextual, mesmo que de maneira superficial. Sobre esse modo Bosi comenta, “quanto à invenção temática, o conto tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo.” (Bosi (1977, p.8).

Assim, podemos afirmar que os contos do livro *A morte de D.J. em Paris* de Roberto Drummond, são acrescidos de elementos específicos da cultura brasileira como a religiosidade, a história e a política, em narrativas curtas que retratam o cotidiano.

A condição existencial do homem contemporâneo está de tal forma vazada por signos da indústria cultural, por signos de natureza ficcional gerados, reproduzidos e consumidos o tempo todo no cotidiano que a existência passa a ser o efeito de uma mescla, de uma fusão entre estes signos e a filtragem particular que o ser humano faz deles e sua vivência particular (Silvia Oliveira, 2008, p. 175).

Considerando o estilo particular de Roberto Drummond observaremos de modo geral os elementos que organizam a estrutura do livro *A morte de D. J. em Paris*, e faremos com que os contos “Dôia na janela”, “Objetos pertencentes a Fernando B, misteriosamente desaparecidos”, “Os sete palmos do paraíso” e o conto que intitula o livro “A Morte de D.J. em Paris” sejam analisados a partir de critérios de uma leitura crítica.

3.1 “Dôia na janela”

No livro Drummond inicia com o conto “Dôia na Janela”, no qual narra a história de uma jovem, internada em uma clínica psiquiátrica, num quarto branco com grades verdes na janela. Com o texto marcado pela articulação da repetição do nome da personagem “Dôia”, o

texto faz com que o leitor tenha impressão que a personagem sofre de algum distúrbio mental. No decorrer da leitura, percebemos que a personagem passa seu tempo debruçada na janela. No desenrolar da narrativa, a personagem Dôia tem uma visão da sua janela, e por essa visão retomamos as imagens da crucificação de “Jesus Cristo”, testemunhada pela personagem.

Dôia, a personagem do conto não recebe visita de seus familiares e se limitava a ligar o toca-fitas e a ouvir o som de sua casa nas fitas gravadas por sua irmã. Seu único amigo é um rato a qual Dôia deu o nome de “Salameminguê” que a visita periodicamente. Dôia dormia durante o dia e a noite passa o tempo na janela de onde assiste um casal brigando embaixo de um anúncio dos pneus Firestone. Próximo a este anúncio, também havia outros como o da coca-cola. A respeito do barulho, ela sempre ouvia a briga de um casal, que ela imaginava se tratar de filme da “Sessão Coruja”. Assim Dôia passava as noites:

“Dôia gostava de olhar o anúncio luminoso da Coca-Cola e certas noites o único consolo de Dôia era aquela garrafa enchendo um copo de Coca-Cola. Dôia se imaginava usando uma calça Lee desbotada e tomando uma Coca num barzinho ao ar livre, onde cresciam samambaias longas como os cabelos de Dôia”(DRUMMOND, 2002, p. 11)

Depois que seu irmão a presenteou com a luneta herdada de seu avô, debruçada na janela, assiste à cena de um homem espancando sua mulher, vê passar o avião que vai a Nova Iorque e os navios que chegam ao longe e espera o satélite “Pássaro Madrugador”. Assim, como os anúncios que eram possíveis de serem vistos.

Às vésperas de receber alta, Dôia presencia de sua janela a crucificação de um homem, momento de violência explícita narrada no conto. Trata-se da crucificação do jovem de cueca Zorba laranja como se pode ler abaixo:

(...) e o homem de calça Lee tirou o quedes azul, a calça Lee, a camisa Adidas e ficou nu, vestido apenas com uma cueca Zorba laranja. Os homens o agarraram, houve gritos abafados, depois um silêncio, com o rádio de um táxi tocando música, e Dôia começou a ouvir o barulho de martelo batendo prego. Dôia mudou de posição na janela, ajustou mais a luneta e viu os homens crucificando o homem de cueca Zorba laranja. Dôia nunca soube quantos minutos se passaram. Os homens ergueram a cruz, fincando-a no chão, e Dôia viu um Cristo crucificado de cueca Zorba laranja. O Cristo de cueca Zorba laranja falava alguma coisa que o vento levava à janela de Dôia e Dôia não conseguia ouvir. A última lembrança de Dôia foi a de um homem subindo uma escada com uma garrafa de Coca-Cola na mão, molhando um algodão com Coca-Cola e passando nos lábios do Cristo de cueca Zorba laranja. (2002, p.15)

Dôia não percebia que era fruto de sua imaginação a cena reconstituída na frente de sua janela. O leitor percebe que a personagem mistura elementos religiosos com artistas do cinema, ou seja, “A barba do homem de calça Lee era grande e Dôia o achou parecido com Alain Delon. Os cabelos eram louros como de Robert Redford.” Drummond (2002, p.14), característica que o leitor perceberá como típica da década dos anos de 1960 e que nesse período da história demonstra traços da ditadura no Brasil, período no qual os jovens militantes da época eram castigados por discordarem do governo.

No dia seguinte, ao relatar para seu médico o que viu para seu médico, que não acredita em nenhuma de suas palavras e, pior, nem se preocupa em saber se aquilo era ou não verdade, o diagnóstico da personagem aponta um quadro de perturbação, e por meio desse diagnóstico o médico a mantém no hospício por mais 385 dias.

Roberto Drummond, com o objetivo de denunciar que a realidade em seus contos ultrapassa a linha do mundo em que vivemos, dando ao texto uma natureza alucinatória. É por meio da alucinação de um discurso realista que o escritor constrói a possibilidade de falar da realidade do homem contemporâneo e a violência instaurada dentro e fora do hospício e se dá, diretamente, contra o jovem que buscava seu lugar no mundo.

Desse modo, podemos dizer que a personagem Dôia era uma voz sem peso e sem representação se compararmos com o modo de como as pessoas enxergavam a violência da ditadura. Considerando que Dôia era contra a essa violência, para os grupos do poder, seria melhor que ela ficasse encarcerada ou internada, conforme conclui o conto.

3.2 “Objetos pertencentes a Fernando B, misteriosamente desaparecido”

O conjunto de características como depoimentos, investigação, descrição de atuações, suspeitas que marca um processo tal como ele é instaurado na justiça, são marcas presentes, nesse conto, no qual o narrador se apropria do gênero discursivo auto-processual, um tipo de interrogatório em que o suspeito é interrogado pelo narrador.

Nesse inquérito policial o que está sendo investigado é a morte ou o desaparecimento misterioso do personagem Fernando B. O leitor vai se envolvendo na trama em busca de resposta. Inicialmente é um desaparecimento sem motivo, no qual sete objetos são arrolados no inquérito e, sobre eles, o delegado Godofredo R interroga alguns personagens e a partir do depoimento de cada suspeito e aos poucos, vamos construindo, de modo fragmentário, o possível sumiço.

Sempre que um suspeito dá o seu depoimento, uma segunda história é inserida em cada uma das histórias sobre os objetos arrolados no inquérito: uma escova dental Tek azul, uma coleção de fotografias amareladas de atrizes de cinema, um arco e uma flecha dos índios kren-akarores, uma fotografia 3x4 de Catherine D, uma camisa de linho azul, um par de quedas azul marca Verlon, nº 38, um dicionário de tupi-guarani são os objetos pertencentes a Fernando B que tecem o conto.

No texto, os objetos nos são apresentados como se fossem provas de um suposto crime. Sobre cada um deles haverá uma declaração feita por uma personagem, como segue o segundo suspeito:

“a Sra. Iris D enxugava as lágrimas num lenço de cambraia perfumado de Lancaster, tendo as iniciais ID bordadas em vermelho, e recorda, com seus seios ainda ofegantes, que Fernando B escovava os dentes com a escova Tek Azul um pouco curvado e com pé direito num banquinho, desde que teve um problema na coluna vertebral que começou, exatamente, quando escovava os dentes, recordando Sra. Iris D (...)” (Drummond (2002, p.28-9):

Entretanto, as histórias se intercalam e criando uma narrativa com referências cotidianas dos personagens, é visível que o narrador não revela o sobrenome dos personagens e desta maneira leva o leitor a imaginar, ou se assemelhar aos artistas da época. Além dos objetos pertencentes a Fernando B, vários outros são citados e ajudam na construção e descrição física ou psicológica das personagens como de Gessy L, “estudante de medicina, hóspede da pensão da Sra. Iris D e ex-namorada de Fernando B”. Como em um inquérito, cada testemunha ou depoente é indiciado, independente de sua ligação com a vítima.

Conforme fazemos a leitura, vai se esclarecendo o motivo do desaparecimento, já que cada história que envolve os objetos, bem como os personagens acaba dando indícios para o desenrolar dos fatos. Porém o mistério se mantém como no conto *A morte de D.J. em Paris*, no qual o autor mantém vivo o enigma, com a sugestão de que esses desaparecimentos poderiam ter sido causados por uma ação violenta ou arbitrária do poder repressivo atuante no Brasil na época da ditadura militar.

3.3 “Os sete palmos do paraíso”

Nesse conto, o leitor é convidado a participar do lúdico e do perverso, lado da narrativa que faz com que o narrador confunda o leitor nos limites da realidade e da ficção. Como podemos perceber no conto “Dôia na janela” Drummond também faz uso da repetição

com o nome do personagem “Batman”, nome esse conhecido do personagem de desenho infantil, da mesma forma que o nome da criança é Batman, o narrador refere-se aos familiares como “pai do Batman”, “mãe do Batman” e esse tratamento se dá com os demais personagens.

O pai do Batman que apesar das dificuldades gostava de colecionar fotografias de atrizes de cinema. Tais fotografias, depois de recortadas eram escondidas no sótão. Um dia, a empregada do Batman descobre o esconderijo e passa a rasgar as fotos:

O pai de Batman recortava fotografias das atrizes de cinema nas revistas e escondia no sótão. A empregada de Batman descobriu e esconderijo e começou a matá-las. A primeira vítima foi Candice Bergen”(Roberto Drummond, 2002, p.41)

Pode-se afirmar que nesse conto, Drummond retrata uma típica família de classe média, que morava de aluguel. O pai que sustentava a família, via a crise chegando e reclamava para esposa que ganhava pouco. Todos estavam com dificuldades financeiras e ainda tinha medo de perder o emprego. O narrador descreve o quadro:

O apartamento de Batman tinha dois quartos e cheirava mofo. E era escuro. De tarde tinha de acender as luzes. O dono do apartamento vinha cobrar os aluguéis atrasados e o pai de Batman se escondia dentro do guarda roupa. Saía de La cheirando a naftalina. (Roberto Drummond 2002, p.42).

Esse contexto urbano do cotidiano demonstra o desespero de um pai de família. Quando o narrador nos aproxima da realidade de forma brutal que nos damos conta do fato da morte da mãe de Batman,

“no outro dia apareceu um homem de chapéu e terno escuro. Cheirava a vela acesa e apresentou um papel com a lista do o pai de Batman tinha de pagar. O pai de Batman leu e achou muito caro. O homem de terno escuro rodava o chapéu na mão e disse que a mãe de Batman agora era dona de um pedaço do paraíso. Anjos tocavam Flauta para ela ouvir.”(Roberto Drummond, 2002, p.46).

Desse modo, o pai de Batman sem condições de pagar as despesas que estão sendo cobradas e sem pensar, de forma violenta mata o homem de terno escuro e foge deixando tudo para trás.

“A tia de Batman olhou no espelho e descobriu que tinha uma boca de Rita Hayworth. Pintou os olhos de verde e saiu para encontrar Manoel Domingos do Nascimento.
A Irmã de Batman e o pequinês foram com ela.
Batman ficou só no apartamento e resolveu voar.
Pôs a capa de Batman e trepou na janela. Chegou a bater as assas no ar.”(Roberto Drummond, 2002, p.46-7).

O sonho de voar era um sonho de liberdade, mas nesse texto a liberdade nunca é completa, e pelo contrário pode nos trazer tristeza. Os personagens de Drummond estão mergulhados num cotidiano, que pode ser visualizado por diversos ângulos. Como consequência da realidade podemos comparar o que levou a morte de Batman, personagem que voou em busca de liberdade, vindo ao encontro da morte, com o momento em que Dôia conta ao médico sobre o crime visto de sua janela. Nesses episódios, podemos dizer que a realidade é nada mais que um efeito de sentido do cotidiano recriado pelos personagens.

“Os sete palmos do paraíso” fala de um personagem de super herói dos quadrinhos. O único da liga da justiça que é plenamente humano, não voa e não possui superpoderes. Pode-se observar que Roberto Drummond representa de forma lúdica o cotidiano dos personagens, pois o Batman dos quadrinhos era um homem muito rico, enquanto o Batman do conto era muito pobre com várias dificuldades e problemas com a falta de dinheiro.

Destacamos ainda que “Sete palmos do Paraíso” é narrado em 3ª pessoa por um narrador que faz uso da repetição do nome do personagem principal e os personagens do conto não possuem identidade própria e são desprovidos de nome próprio, são anônimos, o que contribui para projetá-las como, potencialmente, universais. Normalmente, essas personagens e suas vivências são um misto de real e fantasia;”(Silvia Oliveira, 2008, p. 163).

3.4 A morte de D.J. em Paris

Em síntese, o conto "A morte de D. J. em Paris", que dá título ao livro, é um conto invadido por elementos do mundo cotidiano, dividido em sete atos, e cada um deles constitui um depoimento sobre a morte. À medida em que lemos o relato do que as outras personagens falam, a história vai se construindo.

D.J. era um professor de Francês grisalho e desiludido com a vida. Julgado depois de morto num tribunal, ele é personagem central do conto. Destaca-se na narrativa sua capacidade de transformar seu sótão numa Paris imersa em tons de azul. D.J. Acreditava que Paris era o Paraíso, o lugar onde que ele encontraria a mulher azul ou “femme bleue”, como ele chamava, um protótipo da mulher feminina, da mulher ideal, mais sensível e bela.

Percebemos que o narrador em primeira pessoa é também personagem e assim somos conduzidos pelo texto ao universo da cultura popular, onde o narrador e personagem parecem pessoas distintas.

“Até que você transformou o sótão do sobrado onde morava numa Paris de papel. Deixou aberta uma janela no teto, para as estrelas de Paris, e foi pregando cartazes turísticos e pôsteres do Quartier Latin. Num biombo que fazia curvas, o Sena veio andando, trazia num “bateau-mouche” um casal de namorados acenando numa página dupla do Paris Match, e o Sena foi cortando Paris ao meio: aqui o Quai D’Orsay, ali o Quai Du Louve, dividindo sua Paris em River Gauche e River Droite”.(Drummond,2002 p. 95)

Deste modo, Roberto Drummond em forma de espetáculo, inicia o conto com o prólogo e sintetiza como apresentação inicial o que vai ser contado a seguir. O texto jornalístico e o discurso literário se fundem. Tal junção fica visível no conto quando há um indiciamento de que algo vai acontecer. Cria-se um suspense, um conflito e um mistério; conseqüentemente, há também a necessidade de resolvê-los. Logo se saberá que um homem desapareceu.

O narrador, busca resolver o mistério e no decorrer da leitura percebe-se que o julgamento de D.J. acontece mas ele não está presente no tribunal.”Prólogo: o homem magro dos óculos escuros conta o que sabe, na sala do tribunal, sobre um morto, de nome D.J., que está sendo julgado. (...)” (Roberto Drummond, 2002, p. 87).

O narrador nos dá índices, de forma discreta, de que os fatos estranhos que acontecem se misturam à realidade, bem como os diálogos imaginários que D.J. tem com o diretor do colégio Dom Bosco, e que o narrador o descreve como locutor ou galã de rádio novela com sua voz que chamava atenção,

“hoje vou pedir aumento”:
“você: - sabe o que eu quero senhor diretor?”
“Senhor Diretor: - Suponho que sim, mas...”
“Você: - não tem, mas: quero um aumento, quase todos ganharam, só eu e mais dois que não, exijo um aumento...”
“(...)”(Roberto Drummond,2002, p.92-3).

Todos os elementos do texto nos remetem ao mundo dos vivos, pelo discurso o absurdo da situação: um homem, tido como morto está sendo julgado; e mais, não sabemos a razão de tal julgamento, mas não hesitamos se o descrito pertence mesmo ao real. Porém no final da narrativa sugerem com maior intensidade o lado sobrenatural, não havendo nenhuma comprovação, apenas sugestões.

Podemos pensar, que a realidade delirante ou a ficção aponta o absurdo da realidade vivida nos diversos aspectos do cotidiano: político, social, econômico, familiar. Por outro lado, também, é por meio de uma alucinação que a realidade se mostra como fictícia marcada pelo fatos de violência, em situações vivenciadas pelos personagens. Percebemos tais situações em todos os níveis da narrativa dos textos dos contos apresentados bem como nas

cartas que foram juntadas no processo, correspondências essas que estava endereçadas para sua irmã e amigos.

“Paris, coeur Du monde, 29 de abril de 1969.

Antoine, mom Cher:

Vive Paris! Vive La Vie!

Aqui estou, Antoine: depois de adiar minha vinda nem lembro quantos anos, aqui estou, em Paris! Quando o Boeing em que eu viajava desceu em Orly, eu vi Paris, pensei que fosse outro sonho: mas meu Gauloises me queimou o dedo e eu senti que era verdade.(...). A lembrar, só que peguei a Febre da Primavera, fiquei dois dias de cama e ainda não vi a ‘Femme bleue’... etc.etc.etc.”(Roberto Drummond, 2002, p. 96)

Nesse trecho, pode ser percebido que D.J. estava em Paris, e também estava com uma febre que o fazia delirar. No entanto não temos certeza de que ele está na verdadeira Paris ou na sua Paris de papel no sótão, senso que no depoimento da irmã de D.J. Marimá diz para o juiz que ela tinha as cartas e ele lhe pergunta se alguém lia as cartas, como relata no trecho abaixo:

“O Juiz: Alguem lia as cartas, minha jovem, além dos destinatários?

Maria Marima é quem responde(de Marimá só ficou um cigarro aceso na mão de Maria Mariana, que olhou muito assustada, sem saber o que fazer dele):

O santo padre Carlos lia.

(...)”(Roberto Drummond, 2002, p119).

No entanto, Drummond brinca com a nossa imaginação com a multiplicidade de interpretação do conto, sem saber se realmente as cartas chegavam ou não aos seus endereçados ou até aonde a Irmã de D.J. participava dos delírios dele. Assim, ficamos com uma dúvida sem conseguir desvendar, mais esse mistério, Quando D.J. arruma suas coisas e se vai, já não sabemos direito se ele vai para a Paris real ou para uma Paris de papel criada imaginariamente no sótão de sua casa. É nesse cenário que percebemos o narrador personagem em um ar de suspense, dizendo:

“(...). Vinha voltando pelo corredor St. Michel quando, ao pegar a maçaneta pra abrir a porta que eu esqueci sem fechar à chave, escutei uma voz – pensei: quem será? Era uma voz de mulher que nunca tinha escutado, parei na porta sem entrar, fiquei ouvindo aquela voz falando em português:

Acorda, D.J., acorda!

Houve um ruído em nossa cama, senti que D.J. acordava, ouvi a voz dele:

Cadê a Lu? Onde ela foi?

E a tal voz falou:

Lu? Não existe Lu, D.J., você está delirando: se não sair daqui, se você não voltar, será considerado morto... (...)

(...)

Escutei um barulho de fósforo sendo riscado, era D.J acendendo um Gauloises, e aquela voz dizendo:

Se você continuar nesta Paris de papel, D.J., é a morte: ainda há tempo pra você se salvar; na hora D.J. sentiu um gosto de Minister no seu gauloises, sua Paris virou uma capa do Paris Match:era de papel.

Lu é invenção, mulher azul é invenção: te enganaram, D.J., você ainda pode se salvar, você quer ser um morto-vivo, D.J.?

Nesse ponto eu entrei no quarto no quarto, uma mulher de uns 49 anos como às beatas que eu via no Brasil, lá em Belo Horizonte eu morava perto da igreja Boa Viagem, (...)” (Drummond 2002, p.124)

Aqui se percebe que tudo não se passava de um delírio de D.J., e que o narrador personagem, nos faz viajar nessa alucinação de D.J., em meio a esse amor de sensações que nos é causado. Fica então a pergunta deixada pelo narrador: “Agora você me pergunta se D.J. está morto; respondo: alguns hão de querer que D.J. esteja vivo, outros não. Os que quiserem podem matar D.J., mas ele voltará no primeiro samba, num frevo tocando e, até mesmo, quem sabe? Num grito de gol.”(Drummond 2002, p.126).

Roberto Drummond trabalha uma realidade fantasiosa com ironia ambígua, opção que impede que as personagens enlouqueçam em anseios e conflitos internos. Nestes contos, a realidade é criada como uma realidade paralela, identificada com o sonho e o delírio. O escritor inova ao criar um fazer literário e abusa da apropriação de referências insólitas e a partir dessa inovação, faz transparecer a violência de sua época ou da cultura de popular, impostas à sociedade brasileira. Quando o narrador diz que D.J. pode voltar “num samba”, “num Frevo tocando” ou até mesmo “num grito de gol”, podemos interpretar, que brasileiro então representado, pode abrandar a tristeza ou as dificuldades vividas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo foi possível perceber que diferentes teorias sobre o conto têm suas particularidades e cada teórico constrói seu ponto de vista para caracterizar o gênero. Desse modo, percebemos que o conto no Brasil, teve sua forma inovadora com uma escrita moderna, em seu ensaio e expectativa, foi alcançando autonomia como gênero narrativo, cedendo ao apelo da ficção, fantasia e sedução. Nesse caráter o conto brasileiro contemporâneo narra histórias que defendem a sua valorização como gênero literário eminentemente moderno.

Esse novo contexto é assumido pela literatura moderna de Roberto Drummond e acrescido de elementos específicos da cultura brasileira como a religiosidade, a história e a política. Estes temas não são inéditos na literatura, mas destacamos a forma como o escritor os abordou em suas obras.

Pode-se concluir a partir das análises dos quatro contos escolhidos do livro *A morte de D. J. em Paris*, que Roberto Drummond trabalha narrativas curtas envoltas em uma realidade fantasiosa, ironia ambígua, Assim, o autor também era barbariza a realidade com os fatos que aconteciam no cotidiano. No combate à repressão e pelos efeitos instaurados pelo estado repressor, o autor cria uma realidade paralela identificada nos sonhos e delírio dos personagens.

O escritor inova ao criar um fazer literário que deixa transparecer a violência de sua época ou da cultura de popular, impostas à sociedade brasileira. Sua marca registrada é codificar o mundo moderno, ou seja, o luminoso da Firestone, a cueca Zorba, a escova de dente Tek, o vôo do Batman que não tem asas e entre tantas outras coisas que tornam possível o sujeito entende-se como ser integrante do mundo criado nos contos.

Deste modo, Drummond flagra dimensões delirantes e uma realidade que não é estranha ao horror com suspense e muita fantasia. Em seus contos as personalidades fazem parte da história ficcional e interagem com ao personagem. Contrapondo-se ao confinamento dos personagens que idealizam a liberdade que existe fora do espaço em que são descritos a partir dos traços e fragmentos do cotidiano e passam a ter relevância quando deparam com a realidade. Em “Os sete palmos do paraíso”, Objetos pertencentes a Fernando B, misteriosamente desaparecido diferentemente de “Dôia na janela”, e de “A morte de D.J. em Paris”, não há uma separação do que é real fantasia ou ficção na qual os personagens vivenciam um mistério que não se desenrola, uma morte não esclarecida, um final que deixa o

leitor livre para dar sua versão dos fatos, um enredo em que os personagens passam a se confundir até mesmo com artistas de cinema da época retratada por Drummond.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. 11. ed. São Paulo : Cultrix, 1995.
- BOSI, Viviana e Outras (Org.). **Ficções: leitores e leituras**. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.
- CORTAZÁR, Julio. **Valise de Cronópio**/Julio Cortázar; [tradução Davi Arriguci Jr. E João Alexandre Barbosa; organização Haroldo de Campos e Davi Arriguci Jr.].-São Paulo:Perspectiva,2008.-(Debates;104 dirigida por J. Guinsburg).
- DRUMMOND, Roberto. **A morte de D.J. em Paris**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- DRUMMOND, Roberto. **Eu quero a ambigüidade**. Disponível em <http://www.revelacaoonline.uniube.br/a2002/cultura/escritor2.html>. Acesso em 22 mai 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GOTLIB, Nádía Battella, 1946. **Teoria do conto**/Nádía Battella Gotlib, 11 ed. São Paulo. Ática, 2006 95p – (princípios; 2).
- Netsaber Biografias**. Disponível em: <http://biografias.netsaber.com.br/biografia-299/biografia-de-roberto-drummond>, Acesso em 20 mai 2016.
- OLIVEIRA, Silvia de Cássia Rodrigues Damacena de. **A literatura pop de Roberto Drummond: arte pop, referencialidade e ficção**. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp, São José do Rio Preto/SP. Disponível em:http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/106340/oliveira_scrd_dr_sjrp.pdf?sequence=1 Acesso em 24 de maio de 2016.
- UOL, Biografias, **Carlos Drummond Andrade**. Disponível em <http://educacao.uol.com.br/biografias/roberto-drummond.jhtm>. Acesso em 19 mai 2016.
- WIKIPÉDIA. **Roberto Drummond**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Drummond, Acesso em 15 jul 2015.